

Periodicidade: Diária

Classe: Informação Geral

Âmbito: Nacional

Tiragem: 80000

Temática: Diversos

Dimensão: 228

Imagem: S/Cor

Página (s): 2



EDITORIAL

Convém não desvalorizar as eleições europeias

São já em Maio do ano que vem e podem custar o lugar a Passos, Portas ou, no limite, Seguro



Eduardo Oliveira e Silva

Antes de passar para a batalha das legislativas, o calendário eleitoral apresenta para Maio de 2014 um escolho que não se pode ignorar: as eleições europeias.

Se é certo que nenhum dos líderes partidários será cabeça-de-lista, não é menos certo que uma vitória ou uma derrota nessa consulta lhe vai ficar colada à pele, pouco tempo antes das legislativas.

As europeias, mesmo com um baixo nível de participação e com candidatos interpostos, serão uma sondagem em tamanho real em que apenas faltará para avaliação efectiva o carisma de cada líder partidário, mas o facto é que os partidos são sufragados directamente.

O PSD e o CDS (ex-PP, pelos vistos) têm tanto a noção disso que decidiram acautelar-se e antecipadamente concorrer em coligação para evitar um despique eleitoral directo entre os dois partidos que sustentam o governo.

Foi uma decisão sábia, como

resulta da análise de umas autárquicas que o PS ganhou clara e substancialmente mas não de forma arrasadora.

Seguro situou sempre o seu objectivo em número de votos e aí a vantagem não foi clara, embora tenha sido inequívoca em termos de câmaras. Já Passos queria ter mais presidências de vilas e cidades para garantir a Associação Nacional de Municípios, mas ficou muito longe disso. Ou seja, se se partisse de uma análise em função dos objectivos, ambos os dirigentes teriam falhado o desempenho de excelência que é exigido aos líderes.

Salvo colapso político por ruptura da coligação ou por um daqueles terremotos sociais ou mediáticos que inopinadamente acontecem, é pouco provável que a coligação governamental não tenha condições para chegar até às legislativas. Mas não se pode ignorar que as europeias são uma oportunidade de ouro para quem optar por uma estratégia de emboscada à espera de um mau resultado do líder em funções.

É sobretudo o caso no PS e no PSD, onde há obviamente quem anseie por uma oportunidade de ouro de chegar a S. Bento com um mínimo de esforço.

Sócrates foi aliás uma história parecida e de êxito inesperado...

OI e PT. Uma boa fusão... para accionistas

Várias vezes noticiada e sempre negada, a fusão entre a brasileira OI e a portuguesa PT era um desiderato provável desde que Zeinal Bava se transferiu para o Brasil, ficando a liderar a empresa brasileira. O novo grupo terá um pendor mais brasileiro que português, dada a potencialidade do mercado e o peso dos accionistas do lado de lá do Atlântico. Nessas circunstâncias, é evidente que a prioridade do investimento e o saneamento económico da megapresa desviarão o foco de Portugal.

A fusão acontece num momento em que a criação da Zon-Optimus representa também

um ataque duro à PT em Portugal, por parte de um grupo que tem forte influência em Angola por via de Isabel dos Santos, cujas relações com a PT não são propriamente celestiais. Têm até circulado informações, sempre negadas, apontando para uma saída da angolana Unitel da PT.

Uma coisa é, porém, certa. Os accionistas da PT fizeram uma boa operação e valorizaram os seus títulos. Para Portugal o saldo pode não ser o mesmo, porque no futuro o grande operador de telecomunicações lusófono internacional passa a ter um sotaque global diferente.